

Centro de Estudos de Bioética
Pólo Açores

MARIA DO CÉU PATRÃO NEVES e SUSANA PACHECO
Coordenação

PARA UMA ÉTICA DA ENFERMAGEM
DESAFIOS

INTRODUÇÃO

Para uma Ética da Enfermagem: Desafios foi projectada como obra inédita que reflecte sobre questões éticas suscitadas pela prestação de cuidados de saúde, sob a perspectiva específica do enfermeiro.

No espaço em contínuo crescimento que é o da bibliografia bioética, *Para uma Ética da Enfermagem* procura preencher um vazio que desde há muito se vinha fazendo sentir. É do conhecimento comum que a bioética, enquanto ética aplicada às questões humanas decorrentes dos progressos biotecnológicos, protagonizou uma verdadeira revolução na ética das profissões de saúde, assinalada pela abertura da deontologia, ou ética profissional, a uma ética da pessoa humana, ou ética cívica, como alguns insistem já em designar. Com efeito, a bioética, mesmo quando considerada na sua tradicional acepção restrita de “ética biomédica”, dirige-se a todos os profissionais de saúde como a todos os cidadãos, potenciais doentes ou, por diferentes razões, utentes dos serviços de saúde. Assim sendo, a ética dos profissionais de saúde não se reduz mais apenas a uma deontologia, enquanto conjunto de normas de carácter ético-jurídico e administrativo que obriga e sanciona exclusivamente os membros de uma profissão, mas requer uma ampla reflexão sobre as possíveis modalidades de acção no âmbito de um relacionamento também inter-pessoal entre profissionais de saúde e cidadãos zeladores da sua saúde, envolvendo e responsabilizando todos os intervenientes.

Os profissionais de saúde, nomeadamente médicos e enfermeiros, rapidamente compreenderam a mudança em curso, tendo aliás sido também seus verdadeiros protagonistas. A bioética nasceu suscitada, em grande parte, pelas preocupações médicas acerca do melhor modo de agir quando a actuação profissional deixou de se desenrolar num plano exclusivamente técnico – respondendo à questão “que posso fazer?” – e passou a ter profundas implicações éticas – submetendo-se à questão “que devo fazer?” Será legítimo, por exemplo, recorrer a todos os meios disponíveis para tentar adiar uma morte anunciada? Ou deverá a competência técnico-científica fazer-se substituir pela prudência ética não prolongando um sofrimento?

mento inútil? Rapidamente também os enfermeiros começaram a sentir a urgência de repensar a natureza dos cuidados de saúde e as modalidades da sua prestação num serviço em acelerada mutação, quer por factores intrínsecos à finalidade das profissões de saúde – como sejam a crescente tecnicalização dos meios, a progressiva especialização dos profissionais e a contínua divisão das funções –, quer por factores extrínsecos verdadeiramente incontornáveis – como seja a intensificação da pressão para a racionalização dos recursos humanos, técnicos e financeiros. Como gerir o sempre escasso tempo disponível entre o acompanhamento necessário deste doente que chora, a indispensável atenção àquele outro que precisa de um suplemento analgésico para o controle das dores e o preenchimento inadiável dos registos dos doentes para a mudança de turno? Como responder afirmativamente às exigências éticas, técnicas e organizacionais implicadas no exercício da profissão, se não mesmo inalienáveis à missão do enfermeiro?

As implicações éticas da prestação de cuidados de saúde conduziram muitos profissionais de saúde, e particularmente os enfermeiros, a procurarem formação específica nesta área através da participação em colóquios, acções de formação, conferências, mas também da frequência de cursos de pós-graduação e de mestrado e sempre através do recurso à bibliografia especializada em bioética. Não obstante, torna-se cada vez mais evidente que a maioria das publicações de bioética incide ora sobre questões éticas suscitadas pela aplicação ao homem de tecnologias de ponta, as quais não envolvem directa ou mesmo indirectamente grande parte dos profissionais de saúde, ora sobre problemas éticos implicados em decisões clínicas cuja resolução escapa também frequentemente a qualquer intervenção efectiva do enfermeiro. Referimo-nos, respectivamente, a questões como a ectogénese, a clonagem, a terapia génica, ou então a decisões como o pronunciamento do óbito pelo critério de morte cerebral, a recolha de órgãos e a selecção de doentes para a transplantação de órgãos, a suspensão de tratamentos invasivos e/ou fúteis. Estes são também alguns dos temas que deram notoriedade à bioética e a trouxeram para o domínio público, temas que ainda hoje constituem a sua face mais visível e que, ocasionalmente, a guindam para as primeiras páginas dos jornais. E, no entanto, não são estes os domínios em que a bioética exerce a sua influência mais determinante e meritória; não são estes os domínios em que a bioética desenvolve um mais decisivo impacto ao nível da mudança de comportamentos e atitudes com uma mais ampla repercussão ao nível da sociedade em geral; e também não são estes, certamente, os domínios em que o enfermeiro se situa quando, no seu quotidiano, enfrenta casos problemáticos, alternativas complexas, decisões difíceis que desafiam a sua postura pro-

fissional e inquietam a sua consciência moral e face aos quais tem de responder, não obstante continuar ainda e sempre à procura da melhor solução.

Os enfermeiros são, sem dúvida, o grupo profissional que aderiu em maior número e mais empenhadamente à reflexão e formação bioética. Não obstante, não revêem as suas preocupações nas publicações existentes, sendo obrigados a fazer um caminho, por vezes algo desamparado e mesmo solitário, de transposição da reflexão ética biomédica, na acepção mais restrita de bioética, para uma ética da enfermagem, no repensar e reestruturar o exercício da enfermagem na especificidade da sua prática e de acordo com as exigências actuais de uma moral comum. É neste contexto que *Para uma Ética da Enfermagem* surge como obra indispensável e urgente, respondendo a um apelo longamente silencioso que começa agora a ecoar intensamente.

Não ignoramos aqui o registo de algumas publicações sobre “ética” e “enfermagem”, cuja perspectiva, porém, continua a ser predominantemente de ordem deontológica; não negligenciamos, tão pouco, algumas outras sobre “ética em enfermagem” que sublinham bem a importância do tema a que se dedicam e sobre o qual também nós incidimos, correspondendo, todavia, a traduções de publicações estrangeiras e, por isso, nem sempre adequadas à realidade portuguesa; por fim, consideramos igualmente um pequeno artigo de Margarida Vieira, de que só muito recentemente tomámos conhecimento, intitulado “Para uma Ética da Enfermagem” (1993), o qual, não obstante a coincidência de títulos, segue uma orientação diferente da nossa no perscrutar dos contributos filosóficos para uma teoria ética da enfermagem.

Reiteramos, assim, o ineditismo de *Para uma Ética da Enfermagem*, como publicação que vem preencher um vazio importante no conspecto geral da bibliografia portuguesa sobre a reflexão ética aplicada à prestação de cuidados de saúde, tendo sido especificamente projectada para enfermeiros – que exercem enfermagem e/ou a ensinam – e para futuros enfermeiros – alunos de enfermagem –, focando temas e problemas que quotidianamente interpelam o enfermeiro de uma forma particular e contando com a colaboração de uma maioria de enfermeiros entre os seus cerca de trinta autores.

Para garantir que esta obra cumprisse o seu desígnio, tornando-se de interesse para todos os enfermeiros e sem se fechar ao vasto público empenhado na bioética, foi necessário o seu planeamento cuidadoso, o qual passou por várias fases. Primeiramente dirigimos um inquérito a todas as Escolas Superiores de Enfermagem em que solicitávamos, entre outros

aspectos, a identificação e enunciação dos temas mais problemáticos e de reflexão mais urgente para a promoção da formação ética do enfermeiro, profissional ou aluno. Foi com base nos resultados a este inquérito e, apaz-nos dizer, tendo conseguido contemplar harmoniosamente quase todas as sugestões recolhidas, que, num segundo momento, viemos a elaborar um índice geral que classificamos de plurifacetado e polivalente: plurifacetado na medida em que desenvolve diferentes linhas de actuação possível do enfermeiro de acordo com os diferentes tipos de relações que estabelece no seu exercício profissional; e polivalente uma vez que explora as diferentes capacidades e funções protagonizadas pelo enfermeiro nos diferentes planos em que é chamado a intervir. Apenas mantivemos ausente das nossas opções alguns poucos temas, também referidos no inquérito, acerca do início e do fim da vida humana ou de situações específicas, como a doença crónica, psíquica, etc.; da área da transplantação e da genética; ou ainda do domínio da investigação em saúde e do desempenho das comissões de ética – os quais foram já especificamente desenvolvidos em *Comissões de Ética: das bases teóricas à actividade quotidiana* (2002) que aqui recomendamos como leitura conjunta à presente obra, na medida em que ambas foram projectadas para se complementarem sob vários aspectos sem se sobreporem.

Para uma Ética da Enfermagem veio a desenrolar-se numa sequência lógica e metodológica das matérias, pretendendo abarcar as questões éticas fundamentais em enfermagem, na consideração do contexto em que emergem, dos factores que as desencadeiam, moldam e condicionam a sua formulação e, sobretudo, dos diferentes valores e princípios que fundamentam, justificam e orientam os vários cursos de acção preconizados. Este projecto vem a ser concretizado ao longo de cinco capítulos de natureza distinta e complementar: um primeiro, intitulado “A prática da enfermagem”, dedicado à identificação da essência da enfermagem e a questões contextualizadores da sua realidade histórico-social e sócio-profissional; um segundo, “Para uma ética da enfermagem: fundamentos e práticas”, plancado para o desenhar de um quadro conceptual indispensável à reflexão ética e para a reapreciação da prática da enfermagem à luz dos seus princípios e virtudes estruturantes, contemplando os amplos domínios em que o exercício da enfermagem se inscreve e convergindo na interrogação “existirá uma ética da enfermagem?”; um terceiro de “Estudo de casos”, composto pelo relato de situações muito diversas na prática da enfermagem, comentadas aqui do ponto de vista ético, corroborando a indissociabilidade da reflexão teórica e da acção efectiva e acentuando o carácter didáctico da obra; um quarto de apoio deontológico e jurídico ao

exercício da enfermagem através da apresentação comentada da “Documentação” mais relevante neste âmbito; e, finalmente, um quinto capítulo constituído por dois “Anexos” que pretendem fornecer informação complementar à reflexão sobre “ética da enfermagem”.

Uma vez estabelecidas as matérias de reflexão e análise, importava então convidar personalidades portuguesas que, pela sua formação académico-profissional, fossem reconhecidas como especialistas nas respectivas rubricas projectadas. O contacto com os possíveis autores desta obra colectiva apresentava-se como uma terceira fase no seu processo de elaboração. Era obviamente imperioso que a maioria dos autores tivesse formação em enfermagem e também aconselhável que alguns entre estes tivessem experiência de ensino para que pudessem combinar o conhecimento das exigências profissionais da enfermagem com o dos requisitos académicos para a reflexão ética. Particularmente em relação a este último aspecto era também preciso envolver filósofos que combinassem a exposição rigorosa dos conceitos com o seu direccionamento para os interesses envolvidos na prática da enfermagem. Por fim, e como convém ao plano transdisciplinar em que os debates éticos mais fecundos hoje se desenrolam, havia que poder contar igualmente com a colaboração de alguns outros autores com formação diversa, como seja: medicina, teologia, psicologia, direito. Deixamos aqui o nosso público agradecimento a todos os co-autores de *Para uma Ética da Enfermagem* que, com o seu esforço e disponibilidade, com o seu empenhamento e entusiasmo, tornaram esta publicação possível.

Procuramos assim também contribuir para a dignificação da enfermagem apostando e investindo na formação ética dos enfermeiros, como verdadeiro corolário da competência técnico-científica e da integridade profissional. Sabemos que a notável evolução da enfermagem sobretudo nos últimos cinquenta anos, marcada principalmente pela sua profissionalização e exigência de formação superior, criaram uma nova imagem do enfermeiro, perante si próprio, perante os outros membros da equipa de saúde e na sociedade em geral. O enfermeiro é hoje um profissional especializado, autónomo nas competências que exerce e desempenhando-as em inter-relação constante com outros profissionais de saúde. Este processo tão meritório tem sido, demasiadas vezes, exacerbado como suporte único para afirmação do valor da enfermagem, resultando na adopção de uma postura egocêntrica e narcisista que pratica o auto-elogio e investe na reivindicação da sua importância, em vez de assumir uma atitude descentrada de si e centrada no outro de onde lhe advém o seu mais autêntico e duradouro valor no reconhecimento do bem praticado. Na primeira perspectiva é frequente assistirmos a discursos simplistas, senão mesmo in-

fantis, em que o valor da enfermagem é proclamado, por exemplo, a partir da independência dos médicos (num espírito de competição deslocado e prejudicial à missão da equipa de saúde) ou da afirmação autoritária do poder da classe (numa visão “lobista”, e como tal dogmática e tacanha, da profissão, prejudicial ao seu inerente desempenho social); protagonizando a segunda perspectiva, testemunhamos o desempenho extraordinariamente diversificado do enfermeiro, nas funções que exerce e nos planos em que as desenvolve, e a sua firmeza na exigência profissional e na procura da excelência moral. São estes os méritos que atribuem genuíno valor à enfermagem e de que *Para uma Ética da Enfermagem* aspira a ser exemplo.